

## MESTRE JUCA DO BALAIÓ: REGISTROS BIOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DE VIDA DE UM EDUCADOR DA CULTURA POPULAR

Mário Henrique Thé Mota Carneiro<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Ceará

### Introdução

**Ô Maria chama o pessoal, que nosso maracatu ô Maria, já vai começar. O terreiro está em festa, hoje é noite de luar, quero ver você ô Maria, maracatucá ôô, Maracatucá. (Domínio Público)**

Neste artigo exploro alguns resultados da pesquisa que desenvolvo no mestrado em educação brasileira acerca das práticas pedagógicas que se dão dentro de um grupo de maracatu. Submerso nesse universo fantasioso que é o maracatu tive o prazer de ter conhecido uma pessoa especial, homem simples, mas de opiniões firmes, um mestre da cultura tradicional popular, verdadeiro guardião da memória e da tradição, detentor de saberes que necessitam serem socializados.

Percebo que as práticas culturais engendram saberes populares que são repassados em cada ação cultural. No maracatu a cena em si transmite ao público uma mensagem, pois ali se quer mostrar um pouco da história dos negros e dos índios no Ceará. Verificam-se as múltiplas manifestações culturais provenientes dos negros e dos povos indígenas, que deixaram contribuições importantes na formação do povo cearense.

Para estudar o maracatu utilizo a etnocologia, que é a ciência que estuda os comportamentos humanos espetaculares, para dessa forma analisar as várias fases do processo de produção do maracatu. Com o intuito de reforçar o estudo, a oralidade será usada no levantamento de histórias de vida das pessoas mais influentes dentro do grupo, ressaltando a importância da memória individual para que se possa entender o contexto social em que ela se insere, já que “memória individual só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias” (MEIHY, 1996, p.54).

Ao longo da vida os indivíduos inscrevem suas recordações na memória coletiva de uma determinada comunidade, em um contexto específico. O ato de lembrar revela algo complexo, que fica retido nas memórias social e coletiva como uma atualização ou presentificação do passado, o ato de recordar “revela uma das formas fundamentais de

nossa existência, que é a relação como tempo, e, no tempo” (CHAUÍ, 1995, p.130) conferindo sentido ao que está ausente e distante, o maracatu em suas encenações públicas rememora este passado, celebrando o presente com base no passado.

## O Maracatu no Contexto Histórico

O maracatu é uma manifestação cultural predominantemente nordestina. Sua presença é notada em Pernambuco, no Ceará em sua capital e em Alagoas. Em cada região o maracatu apresenta semelhanças e diferenças, dependendo do local e do contexto em que está inserido. Sobre a origem do maracatu em Fortaleza há duas hipóteses: a primeira é que o maracatu tenha se desmembrado das antigas corações dos reis do congo, perdurando até os dias atuais sob outras roupagens. Registros indicam inúmeras manifestações culturais de cunho afro, reisados de congo, auto dos reis do congo, e depois maracatus, num período anterior ao que é difundido entre os brincantes sobre o início dos maracatus no Ceará, ou seja, já havia manifestações culturais de base afrodescendente, que deram origem aos maracatus atuais.

A outra hipótese é que o maracatu foi importado de Recife por Raimundo Alves Feitosa, o Raimundo “boca aberta”, que, depois de um período trabalhando por lá, retornou para Fortaleza e resolveu junto com um grupo de amigos fundar um maracatu, denominado Az de Ouro. O maracatu Az de Ouro, fundado em 26 de setembro de 1936, fez escola e a partir deste surgiram todos os outros. Esta é a versão aceita pela maioria das pessoas que brincam e coordenam os maracatus existentes na capital de Fortaleza.

Conceituo o maracatu fortalezense como cortejo em forma de dança dramática/religiosa de base afrodescendente, onde os brincantes através celebrações coletivas dramatizam a realidade dando um sentido lúdico a mesma, numa forma de reatualizar o passado, encantando os brincantes e ao público, deixando marcas na parede da memória social/coletiva de uma área cultura específica, gerando assim um complexo cultural.

Em Fortaleza, o maracatu apresenta inúmeras singularidades que o difere dos maracatus de outras capitais, como por exemplo, os rostos pintados de preto, a batida lenta e cadenciada dos tambores, balaieiro, casal de pretos-velhos, nega da calunga, o instrumental, dentre outros aspectos. As personagens não têm falas individuais, todos cantam em coro as loas (músicas) de maracatu, num coro coletivo, vibrante.

O corpo é que fala, nos gestos polidos, no brilho das fantasias, os corpos bailantes, pulsando num bailar sem fim.

As pessoas que participam aprendem a cantar, a dançar e a brincar com as gerações passadas, através de um processo de aprendizagem, dando continuidade ao patrimônio cultural<sup>3</sup> cearense de modo não-formal, onde pessoas comuns se transformam em artistas, socializando os saberes, bastando para isto vestir a fantasia, pintar o rosto de preto e encarnar o personagem. São crianças, adolescentes, adultos, homens, mulheres todos congregados para levar a mensagem do maracatu para diferentes platéias. A educação do maracatu acontece fora do espaço instituído da transmissão dos saberes científicos, que é o espaço da sala de aula. A educação é na rua, onde o saber comunitário se difunde nas relações de vizinhança e de parentesco.

O maracatu é do povo, é o próprio povo organizado que formam grupos de maracatus. Alguns são entidades respaldadas juridicamente, outros são autônomos (atualmente em Fortaleza existem oito maracatus espalhados pela região metropolitana – Az de Ouro, Reis de Paus, Vozes d’África, Rei Zumbi, Kizumba, Nação Baôbab, Nação Iracema, Nação Fortaleza) que se encarregam de não deixar cair a tradição, expressão bastante usada pelos brincantes de maracatu. Através destes grupos a tradição do maracatu é perpetuada por gerações, numa comunidade, território onde se engendram redes de solidariedade, lugar da memória, da história, da cultura, onde as relações de vizinhança e parentesco se fazem presentes de modo acentuado. A comunidade, o bairro, a vizinhança, território de socialização dos saberes, “suporte de práticas identitárias; ele está (o território) na base dos conflitos e também na construção de consensos” (GOHN, 2005, p.59).

Estes grupos asseguram a possibilidade de contínuos vínculos interpessoais entre grupos sociais específicos num determinado contexto sócio-cultural, compostos por uma série de ações culturais de cunho pedagógico não-formal, como shows, eventos, mostras culturais, palestras, atividades que ao longo do ano dão sentido e movimento aos maracatus, num saber interativo, gerando um agir comunicativo fruto da práxis cotidiana.

## Reminiscências de um Pesquisador

No carnaval de 2005 até abril de 2006 pude vivenciar inúmeros momentos ao lado de Seu Juca, forma como os mais íntimos lhe chamavam. Ao longo dos seus 83 anos, lutou incansavelmente para que a tradição não desapareces-

se, ensinando-nos as práticas e segredos do maracatu. Mestre Juca, consagrado como balaieiro, ou seja, aquele que equilibrava seu balaio<sup>4</sup> com maestria e intensidade, numas de suas últimas entrevista afirmou: “*A responsabilidade pra mim é a mesma. Quando estou equilibrando o balaio na cabeça, tento ser o mais competente possível. Sem perder a alegria!*” (Informatudo, 2006, pg.15).

Logo no início da pesquisa de campo fui convidado pelo atual presidente do grupo Marcos Gomes a brincar o maracatu. Meu batismo (rito de iniciação) se deu numa apresentação na Barra do Ceará em que fiquei responsável de segurar o porta-estandarte; vesti a fantasia, pintei a cara de preto, dancei, toquei e cantei o maracatu, compartilhando com os outros brincantes a arte de produzir e encenar o maracatu.

Experienciar o fato na sua plenitude me possibilitou a total abertura do campo e dos colaboradores da pesquisa, as pessoas chaves ou fontes orais. Mestre Juca estava entre elas, melhor dizendo, ele era a mais importante fonte oral viva, e neste breve período de tempo realizei várias conversas informais, entrevistas e fotografias. Presenciei o estágio final de sua vida, que foi o agravamento da doença, e principalmente, a perda do movimento das pernas. “Só uma coisa eu sinto saudade: do tempo em que tinha saúde nas pernas” (Informatudo, 2006, p.15).

Mestre Juca era a grande figura do maracatu Az de Ouro, o líder espiritual do grupo, professor de várias gerações de maracatuzeiros e responsável pela transmissão do conhecimento dessa prática cultural. Durante várias décadas, atuando como brincante de maracatu, foi um difusor da cultura de matriz popular, configurando-se como um mestre da cultura popular, aquele que detêm um grande número de conhecimento sobre as tradições das culturas populares<sup>55</sup> A definição de culturas populares se refere “(...) ao conjunto de criações humanas, com origens variadas de conhecimentos, formas de organização coletiva, expressões artísticas, modos de educação, ações e práticas voltadas ao bem-estar e desenvolvimento dos cidadãos, próprias a localidades ou arranjos sociais populares” (MIRANDA, 2005, p.75).

Mestre Juca era a grande figura do maracatu Az de Ouro, o líder espiritual do grupo, professor de várias gerações de maracatuzeiros e responsável pela transmissão do conhecimento dessa prática cultural. Durante várias décadas, atuando como brincante de maracatu, foi um difusor da cultura de matriz popular, configurando-se como um mestre da cultura popular, aquele que detêm um grande número de conhecimento sobre as tradições das culturas populares<sup>5</sup> e que por um longo período de tempo fez com que a cultura

do maracatu se perpetuasse na história local, ensinando e aprendendo a arte de brincar maracatu, sempre oscilando entre o real e o imaginário. Transformou-se no mestre do maracatu, repassando seus conhecimentos para outras gerações, com sua delicadeza e sagacidade.

## Um Homem, um Mestre

Nascido no interior do Ceará na cidade de Cedro logo na infância teve um contato com a arte em sua vida de menino,

(...) dramática, teatro improvisado, a gente improvisava aqueles teatro, fazia aquelas brincadeiras, a minha mãe puxava música, a minha família era muito grande, ela não gostava muito que a gente saísse de casa que era muito homem, e ela tinha meio medo que a gente saísse assim de casa. Ela puxava todo tipo de evento lá pra casa, era reisado, era bumba meu boi, era quadrilha, era drama, fazia aquelas peças dramáticas. A sala era sala muito grande, boneco, botava boneco, tinha lá os roladeiros, que era que colocavam aquele boneco, e eles chamavam João vai lá pra casa, Cantado.

Joaquim Pessoa de Araújo migrou para Fortaleza com seus familiares onde trabalhou de vendedor e comerciante durante sua adolescência. Nesse período, em suas andanças pelas ruas de Fortaleza presenciou um reisado e conheceu Raimundo Alves Feitosa “boca aberta”, fundador do Az de Ouro, que o convida para participar do grupo, dando início em 1940 a sua trajetória enquanto brincante.

A primeira vez que eu vi o maracatu foi em 1940, eu já estava nessa época com 17 anos, preste atenção, e eu vi na praça de Sé uma reunião que eu nem sabia o que era, e de lá de casa eu fui olhar essa reunião, cheguei lá era o maracatu Az de Ouro, dançando, arrodando a praça.(...) na época do reisado dia 5/6 de janeiro só tirava uma noite, naquela época era todo dia não, hoje em dia o pessoal faz é meio de vida. Então eu via esse pessoal tirando reisado e eu vi ele cantando reisado, aí ele perguntou donde eu era.(...) E em 40, eu consegui a me encontrar com um pessoal do reisado, tirando reisado na Floriano Peixoto, e lá eu conheci o Raimundo Boca Aberta, o Chico Cândido, o Chico Mediato, o Chico Bagre, era tudo na base dos 6 ou

mais, ou 5, uns 5 ou 6 eu conheci, depois quando se aproximou o carnaval, tinha esse reisado, foi em janeiro né,? Comecinho, dia 6. Aí quando chegou o carnaval eu morava na Castro e Silva, ainda não tinha observado nenhum desfile de carnaval aqui em Fortaleza não, nem ligava não, e lá eu desci.

O maracatu Az de Ouro passou por momentos difíceis em que parou de desfilhar no carnaval fortalezense por aproximadamente uns vinte anos. Nesse ínterim, seu Juca participou de outros maracatus como o Reis de Paus, e os extintos Az de Espadas, Leão Coroado e Estrela Brilhante. Em 1969, ele resolve com alguns amigos ressuscitar o maracatu Az de Ouro, com a permissão do fundador Raimundo Alves Feitosa.

Aí quando foi em 69, os meninos começaram a perturbar, era o Zé Rainha, o finado Sérgio, o Aderson, era um bocado deles aqui, que tinha aqui dentro, aí começaram a perturbar pra gente formar o maracatu, maracatu, que a gente devia levantar o az de ouro (...) Eu, Raimundo Alves Feitosa, em pleno lucidez, num sei o que, aceito o pedido do Juca pra, naquele tempo eu num era mestre, o pedido do Juca pra ele assumir a responsabilidade do maracatu az de ouro, mas eu continuo dentro do az de ouro, eu num vou me afastar não e tal, eu digo é se fosse pra você se afastar seu Raimundo, eu num queria nem que você me pagasse.

Após o longo período de aprendizagem em diversos maracatus, desfilando de índio, de princesa, compondo e cantando loas, seu Juca assumiu o balaio do maracatu Az de Ouro em 1974, papel que posteriormente lhe consagrou como mestre da cultura tradicional popular. O título dado pelo governo do Estado do Ceará, em 2003, refere-se a pessoa que detêm saberes e habilidades necessárias para a produção e preservação da cultura tradicional popular de comunidade, ou seja, a capacidade de transmitir seus conhecimentos ou suas técnicas a alunos ou aprendizes, verdadeiro centro irradiador de educação, grande educador/professor do maracatu.

mas como eu sou mestre da cultura através do maracatu, tô sempre cooperando com o maracatu pra evitar de as coisas desabarem mais. Mas melhorou nessa parte do dinheiro e aumentou também

o meu trabalho, foi não foi eles me chamam pra participar de alguma coisa (...) não é querendo menosprezar os outros, mas a sua figura de mestre é uma coisa que chama a atenção (...) até agora não vejo ninguém se mal dizer não, mas eu achei bom, gostei muito dessa maneira por que eles enxergaram uma coisa que vivia assim escondida a tanto tempo, não tinha quem conhecesse o que um trabalho que se faz de equilíbrio não tinha quem conhecesse, as pessoas não sabiam o que era equilibrar um balaio desses, pensando que esse balaio é agarrado, amarrado, grudado, pregado.

A história de vida do Mestre Juca se mistura com a própria história do maracatu em Fortaleza, pois sua presença perpassa 60 anos de carnaval, atuando tanto como brincante e dirigente de maracatu, quanto presidente da Federação das Agremiações Carnavalesca do Ceará (FACC). Percorrer sua biografia é reconhecer a história de um grande educador da cultura local, que não ensinava nos espaços formais de transmissão do saber, transcendendo aos padrões vigentes da educação. Seu Juca ensinava seus discípulos repassando o saber apreendido através de décadas na prática do saber-fazer.

A memória individual só faz sentido se encaixada num determinado contexto social. No caso de Mestre Juca suas lembranças e sua trajetória ilustram a importância desta prática cultural para a memória coletiva da sociedade cearense, sua história de vida se confunde com a própria história do maracatu, e do carnaval fortalezense.

*Mestre Juca do Balaio dança teu maracatu, mestre Juca do balaio, eu e tu o caxambu, mas não se esqueça do luar de Luanda, maracatu é maracá, maracondé. O meu xâma, fruta boa do balaio, pitanga, manga, pitomba, bamba de bambalié, eu vou, eu vou e você não vai, apanhar macaúba do balaio, apanhar macaúba do balaio eu vou, eu vou, você também vai. (Letra e música – Calé Alencar).*

Mestre Juca carregou na cabeça a responsabilidade de equilibrar o balaio cheio de frutas, e não deixar cair nem o balaio e nem a tradição. Com seu dançar torto, barba branca, cara-preta, olhos cheios de ternura, fala mansa, conquistava a todos com seu jeito simples e manso.

Já pelo final de 2005, o quadro de saúde de Mestre Juca se agravou; ficando preso a uma cadeira de rodas e

devido sua debilidade física teve que abandonar seu balaio, transferindo a tradição para novos brincantes. Por conta disso, a prefeitura municipal de Fortaleza resolveu dedicar o carnaval de 2006 em sua homenagem, sendo este o seu último reconhecimento em vida. Mestre Juca pela primeira vez depois de longos carnavais não iria desfilas, deixando um vazio na avenida. Assistiu seu Az de Ouro de camarote a reverenciá-lo, cantando em coro a loa que dizia: “*Batam palmas, batam palmas, batam palmas para o maracatu, maracatu é o Az de Ouro, que Mestre Juca eternizou*”.

Num dos seus últimos depoimentos, Mestre Juca transparecia sentir a presença sorrateira da morte e do seu futuro no maracatu:

Dependendo de mim não tem mais futuro, por que eu mesmo, mesmo que eu me recupere de alguma coisa, a não ser assim que eu chegasse a ter uma recuperação que eu pudesse pelo menos andar, pudesse ao menos ta dentro ajeitando as coisas, mas na condição que eu tô, eu se não houver uma melhora a tendência e piorar, piorar, piorar até chegar ao fim.

E o fim chegou na madrugada fria de 06 de abril de 2006, dia funéreo repleto de tristeza e homenagens de seus amigos e parentes queridos. O rito de passagem celebrou a morte e a vida, cantando as loas em meio às sepulturas, num cortejo fúnebre cantante, rememorando as músicas que o mestre nos ensinou.

Agora só ficaram as boas lembranças de um homem que deixou sua marca na memória coletiva do cenário cultural cearense, numa bela história de um menino que se transforma em homem, morre para se transformar num mito, deixando um saber que se perpetua através da prática cultural do maracatu.

## Referências Bibliográficas

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. – São Paulo: Editora Ática, 1995.

DAMASCENO Maria Nobre. *Problemática dos saberes no contexto das racionalidades*. In: O caminho se faz ao caminhar: elementos teóricos e práticas na pesquisa empírica (Coordenadoras) Maria Nobre Damasceno e Celecina de Maria Veras Sales. – Fortaleza: Editora UFC, 2005.

*Dez questões básicas sobre os direitos culturais*. In: Cartilha dos direitos culturais. Comissão de Cultura da OAB-CE, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. Edital de mestre da cultura popular.

- Memórias no Plural* (Organizadores) José Gerardo Vasconcelos; Germano Magalhães Júnior. – Fortaleza: LCR, 2001.
- MIRANDA, Danilo Santos de. *Desenvolvimento cultural como meta educativa do Brasil*. In: Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares. São Paulo: Instituto Polis; Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONG'S e redes solidárias*. – São Paulo: Cortez, 2005.
- INFORMATUDO. Ceará, Ano 9, número 50, Março/abril, 2006. Entrevistas realizadas por Pingo de Fortaleza no segundo semestre de 2006.

## NOTAS

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, professor da rede pública estadual de sociologia e filosofia (nível médio). E-mail: mariothe@oi.com.br

<sup>2</sup> Aqueles que brincam e dirigem os maracatus. Usarei essa expressão para facilitar a compreensão textual.

<sup>3</sup> “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem, as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações artísticas (...) espaços destinados às manifestações artístico-culturais”. (Artigo 216- Constituição Federal de 1988).

<sup>4</sup> Balaio: Objeto decorativo, em forma de cesto de palha, onde são levadas frutas tropicais numa oferenda a entidades espirituais e culturais, exaltando a fertilidade da terra.